

MAGNÓLIA

Ficha técnica:

Título original: Magnolia

Gênero: Drama

Duração: 03 hs 08 min

Ano de lançamento: 1999

Site oficial: <http://www.magnoliamovie.com>

Estúdio: New Line Cinema

Distribuidora: New Line Cinema

Direção: Paul Thomas Anderson

Roteiro: Paul Thomas Anderson

Produção: Paul Thomas Anderson e Joanne Sellar

Música: Jon Brion, Fiona Apple e Aimee Mann

Fotografia: Robert Elswit

Direção de arte: Shepherd Frankel e David Nakabayashi

Figurino: Mark Bridges

Edição: Dylan Tichenor

Efeitos especiais: Industrial Light & Magic

Sinopse: A história se desenrola com a concomitância de acontecimentos na vida de nove pessoas, cujos dramas se ligam principalmente por terem alguma relação com a rua Magnólia, em San Fernando Valley, Califórnia. Mesmo sem saberem, histórias de incesto, traições, fracassos, ingenuidade, desespero e coragem estão ligadas de outra maneira – a maneira como os indivíduos se vêem como indivíduos.

Nosso problema principal: como seria o nosso direito se pensarmos a vida social como uma tragédia?

Uma chuva de sapos

Nós nos pensamos livres, conscientes, dotados de um firme senso de realidade e de alguns ideais de vida melhor, pelos quais lutamos e dos quais tiramos algum sentido para a vida. Sabemos, entretanto, que muito de nossa vida não está submetida à nossa vontade. Parece haver algum movimento impessoal que governa o universo, cujas leis não conseguimos ainda compreender. Um movimento sem desejo. Essa impessoalidade, assim mesmo, não parece abalar a nossa confiança exagerada em nossa própria vontade, em nossas próprias deliberações, que pretendem a tudo conter e gerir. A nossa política pretende controlar a vida humana na história, ainda que essa própria vida seja muito desconhecida, tal como o habitat no qual essa vida se desenrola; o nosso sistema jurídico pretende submeter integralmente o mundo ao poder da vontade individual, a partir dos contratos civis e dos tipos penais, ainda que a vida psíquica não se contenha à consciência individual e sua representação à representação pública; a vida religiosa

pretende reduzir a existência humana aos valores morais entendidos pelo viés do indivíduo, pessoalizando Deus e o universo, ainda que muito de sua vida seja uma história de culpa e arrependimento, de vontade de poder, de verdade e de realidade jamais objetivadas; a nossa economia pretende reduzir o que importa ao desejo por objetos, e com isso potencializar o poder social erigido sobre caprichos e diminuir o poder baseado em necessidades.

Caso pensemos um pouco para além da vontade, os sentidos de liberdade, de consciência, de realidade e de vida melhor vão perdendo um pouco de sua familiaridade e sentido. Uma chuva de sapos caindo sobre a cidade é tão normal quanto a dúvida sobre o que conduz a minha existência individual, que talvez se mostre em casos de inexplicáveis coincidências, tal quando o suicida é atingido por uma bala no meio do seu trajeto em queda livre, disparada por sua mãe involuntariamente, ou quando as pessoas desenvolvem ligações afetivas a partir de determinações remotas, mas tomando por obra do acaso. Tudo estaria ligado por um amálgama invisível e as consciências individuais estariam vivendo suas particularidades sem a percepção do todo que as submeteriam. Por fim, a miséria particular é a ignorância do todo.

Uma ordem de questões que valeria assim ser refletida, pois possivelmente será uma das ordens de questões mais importantes que o século XXI nos trará em forma de lutas políticas e patologias sociais, é, então, esta: como conceber um novo desenho político-institucional que transcenda a estrutura da vontade individual? O que a vida social esconde que os modelos políticos da modernidade não conseguem refletir nas suas referências ao totalitarismo (o poder social prevalecendo sobre o do indivíduo) e ao liberalismo (o privilégio ao interesse individual pela vontade individual em detrimento dos interesses individuais pelo interesse coletivo)? Como pensar um novo direito para uma nova subjetividade, que transcenda a identidade baseada na competição individual e excludente, na objetividade social centrada no desejo individual? Como pensar uma nova e abrangente complexidade que abranja mais que a cognição individual, mas uma cognição coletiva?

A vida social como uma aquarela

Um desenho em perspectiva parece ter profundidade, mas é somente um truque, tal como a vida individual que parece ter autonomia. A imagem é o plano e a perspectiva está no plano; a vida individual parece lidar com combinações infinitas e casuais, mas a possibilidade parece ser apenas um truque de perspectiva.

Jimmy Gator está com câncer e procura sua filha Claudia, uma viciada em drogas e emotivamente destruída possivelmente pelos abusos sexuais que sofrera do pai, com certa aquiescência da mãe; ele é um famoso apresentador de televisão e trabalha para um rico das comunicações, Earl Partridge. Earl, inebriado pelo poder e pela juventude, deixa a mulher que amava e com quem vivera por mais de 20 anos, juntamente com seu filho então com 14 anos; ela morre de câncer, fixando as perdas dela, do filho e de Earl na eternidade. Mais tarde, Earl se casa com Linda, uma linda mulher bem mais jovem, que vê nele o preço a ser pago pelo dinheiro querido. À beira da morte, o empresário agoniza o remorso pelo passado, assim como sua atual mulher agoniza o remorso que provavelmente sentirá pelo resto da vida, por também ter passado por cima de coisas inadvertidamente. O filho de Earl, Mackey, cresceu cheio de ódio e trabalha espalhando-o com a proporção de seu sucesso pessoal, vendendo auto-estima a partir de ressentimento e violência, em forma de livros, treinamentos e DVDs.

Mas o círculo de sofrimento moral e autocomiseração baseados na pretensão de autonomia ainda não se fechou. Um ex-menino prodígio, que ficou famoso no país inteiro ao ganhar um grande prêmio no *quiz show* de Gator, é hoje um fracassado, em todas as acepções que a derrocada moral implica; sem amor, sem dinheiro, sem auto-estima – apenas a ilusória crença de que tudo poderia ser diferente. O tempo (ou o clima), que teimosamente negligencia a vontade humana, lançou um raio no menino, que passou a ser burro e um fracasso moral dali em diante. Um outro menino, que participa agora do mesmo longo *show*, cansa-se corajosamente de ser uma curiosidade esdrúxula, e seguramente também vai pagar muito caro, pelo resto da vida, pensando que sua decisão é que provocou todos os infortúnios que lhe acontecerão.

Um policial meio estúpido, que crê plenamente no papel que representa, liga as personagens por suas carências e pelos efeitos de seus desesperos. Mas há alguma outra ligação dessas personagens que transcenda o que elas pensam que as ligam?

Em comum, todas elas partilham a crença de que o mundo poderia ser diferente, e que um pouco mais de virtude sob o comando de sua vontade e deliberação poderiam promover uma vida mais legítima. Todos eles têm em comum a crença de que sua individualidade dispõe de infinitas possibilidades, e que liberdade é não se dar conta do todo, ou não pensar nele, ou reduzir o todo à sua percepção individual de mundo.

É como se na grande tela da existência nós fôssemos manchas de tinta, e vamos nos espalhando pelo branco da vida, tornando-a nós mesmos. Outras tintas vão também

se espalhando até compormos um quadro do qual não podemos apreender a forma final, saber se há alguma ordem ou não, perspectiva ou não, sentido ou fim.

A vida social com uma tragédia

Mas a despeito dos grilos individuais ou do que as pessoas acham que o mundo seja, existe o clima (ou o tempo), com suas umidades relativas e tempestades de batráquios, que nos vêm pela cabeça.

Creemos, antes de tudo, que a vida humana tem um sentido. Portanto, há motivo para trabalhar, para cobrar comprometimento, para ser livre. Julgamos compreender uma ordem nas coisas e em nosso próprio espírito, ordem essa garantida ou por Deus, ou pela natureza, ou pelo conhecimento racional, ou pela vontade coletiva, ou pela tradição. Mas, sobretudo, somos autônomos e livres. Liberdade significa não ser determinado pelas forças do universo, as mesmas que regem os comportamentos dos outros animais e dos movimentos físicos. De alguma maneira, podemos determinar a nossa maneira de viver e o próprio pensamento, pela reflexão e pela crítica. É assim que podemos nos sentir culpados, errados, criminosos, hereges, imorais. Toda a vida social, que também pode decidir coletivamente o seu destino, será atraída pelos ideais de melhoria e aprimoramento, e gerará espíritos cada vez mais aptos às vidas progressivamente sofisticadas, ágeis, assépticas, racionais e intensas.

Caso nada disso seja verdade, então ficaremos muito embaraçados com a superidealização de nossa vida e com a deformação de nossas lentes sobre nossos propósitos. Por outro lado, ficaria mais simples explicar o porquê de tanta confusão e sofrimentos inúteis. De qualquer maneira, a nossa visão de mundo é coisa muito séria para ficar relegada simplesmente às nossas convicções mais interessantes.

Um exercício de pensamento bastante proveitoso é pensar a vida humana como uma tragédia. O mundo trágico é aquele no qual a vida humana não goza de nenhum privilégio biológico convertido em valores morais. Não há natureza humana e nem superioridade natural, mesmo se nos compararmos com a pulga da Malásia que viveu no século V antes de Cristo, e que, conta-se, foi extinta por uma praga de Deus por seus hábitos sexuais desregrados.

A vida trágica é plena de homens livres e autônomos. Mas é usando a sua liberdade e autonomia racional que eles cumprem o seu desígnio, a sua determinação. Por formas dadas a priori ou pelas conseqüências de nossos atos, não poderemos jamais

saber se agimos realmente com liberdade. Se determinamos nossos atos, não determinamos nossa consciência sobre o que a nossa deliberação opera. Assim, a perspectiva temporal é ilusória, ao informar-nos sobre um outro mundo possível.

A vida não tem sentido, enfim. Não há justiça eterna, não há Deus, não há salvação, não há progresso, mas o deserto talvez não seja pior que viver entre o remorso e os ideais sempre postergados, entre a liberdade de ser o louco que habita o caos e o estúpido que habita a ordem. Quanto mais agimos como se fôssemos livres, mais nos descobrimos em meio a uma trama que já contava com minhas decisões, da mesma maneira que o aparelho digestivo do leão já contava com a pouca fé e determinação em correr da zebra. A nossa liberdade é, enfim, a perspectiva de um quadro plano, quando ainda não foi inventada a liberdade 3D.

Direito e vida trágica

A tragédia é um gênero dramático nascido na Grécia antiga, geralmente envolvendo questões morais e o conflito entre uma personagem e poderes maiores. A vida humana é tomada como um capricho descuidado dos deuses e é determinada sem que os indivíduos o saibam, ou o saibam gradualmente. Os sentidos humanos de liberdade, fins morais e políticos encontrarão sempre limites nas forças incompreensíveis da natureza e das divindades. Ao contrário de como hoje queremos que seja, a luta contra a inospitalidade do mundo e do desconhecido é coletiva, ou deveria ser. Quando a sociedade era concebida como dotada de certa organicidade, a luta contra as forças imensas e impessoais não era tarefa individual, a partir de uma pretensa vontade livre que submeteria e que se responsabilizaria pelo seu destino e de outros; era antes coletiva.

Se o preço da vida social orgânica era o sacrifício do indivíduo no altar da perfectibilidade e excelência coletivas, o preço da vida social atomizada é que esse mesmo sacrifício é exigido do indivíduo psiquicamente, como se ele fosse o fim último de seus atos e interesses, e pudesse submeter e controlar todo o mundo a seu redor. Mas não, não acontecerá o caos autodestrutivo se não ficarmos lutando incessantemente pelo aprimoramento da raça e eliminando o que ficará de fora dos ideais de perfeição. Ao contrário, parece estarmos muito mais perto de vidas sofregamente confusas e de um sistema mundial de destruição em massa ao seguir nossos pastores com seus discursos pela virtude, pelas honras do passado e pela salvação de um mundo incorrigível. Em

certo sentido, o nazismo nos é familiar e estrutural, só que as vítimas eleitas estão em partes de nossa subjetividade e nos bairros afastados de todas as cidades do mundo.

Na trama de Magnólia vemos as personagens em sua luta implacável por um sentido último que dê ordem à vida e aos pensamentos, que explique a inospitalidade do mundo, que as compreenda no interior de um todo amistoso, enquanto a responsabilidade pelo caos é atribuída à incompreensão, ou à imoralidade, ou à irracionalidade, ou à loucura, ou à natureza individual. A vida é negada como uma doença; os ideais é que são objetivados.

Suspeitamos, entretanto, que muito da dinâmica psíquica e social não possa ser explicada pela dinâmica da vontade. Há um aparato (social, não transcendental) maior, que produz a minha forma de ver o mundo, inclusive o meu forte desejo de ser singular, que de alguma forma liga as subjetividades em um drama maior.

Entretanto, toda a dinâmica de nossa vida atual repousa sobre a vontade/desejo. Todas as nossas instituições jurídicas, políticas e morais foram arquitetadas sobre a frágil estrutura do desejo, ainda que ele não possa suportar nem a própria dúvida. Uma concepção e prática economicista das relações sociais, que reduziram toda a possibilidade da vida humana a seus limites, movem-se, com uma estrutura de poder colossal, inteiramente sobre a representação do que seria a vontade humana, calcada na pretensa liberdade individual e na autonomia racional. Estes continuam a ser ideais abstratos a serem atingidos, formulados por alguns poetas de boa vontade no início da modernidade para combater outra visão de mundo menos complexa. O processo de escolha diante de situações dadas passou a ser a expressão máxima da liberdade, de forma que com a economia, os dramas individuais de milhares de pessoas transcorrem de forma igualmente superficial quanto pode ser uma vida pautada no voluntarismo.

O direito não vai além dessa estrutura, pois não pode ser seu objetivo algo mais do que dar proteção ao que consideramos correto. Se o mundo for selvagem, o direito só pode proteger a selvageria; simples assim. Sobre a presunção de liberdade estabelecida nas escolhas sobre opções dadas é que teremos nossas relações jurídicas, seja quando elas se fazem nos contratos, nas infrações penais, nas noções de responsabilidade e normalidade. Mesmo a tentativa de se socializar o direito, que pela carga ideológica tem-se hoje preferido chamar de “a função social do direito”, não consegue ir além dos limites morais estabelecidos profundamente em nossa cultura.

Um direito para uma vida trágica, contra a qual devemos ainda assimapor esforços de ordem e compreensibilidade, começaria por tomar a vida social como um

todo, como algo que vá além dos indivíduos, sem, claro, desconsiderá-los. A velha antinomia do totalitarismo como controle ilimitado da vida social e da desconsideração da vida individual *versus* a consideração da liberdade humana como a liberdade individual de escolha sobre opções dadas heteronomamente (seja de que modo seja criada essa heteronomia, pela natureza, por Deus, pelo Estado ou pelos capitalistas ricos), deve ser afastada. Em troca, uma nova base institucional: continuaremos a ter uma referência interna de ordem, embora considerando a estrutura móvel, elástica e relativa sobre a qual a condição humana se desenvolve, para irmos além da exclusiva consideração do indivíduo pela vontade.

Há muito o quê a ótica individual não consegue apreender, e podemos afirmar que tanto o totalitarismo quanto certo tipo de liberalismo sejam precisamente essa mesma ótica individual no poder. Entre a decisão e o arrependimento há uma complexidade imensa que é reduzida para caber em limites muito estreitos, sem que isso consiga dar mais ordem ao nosso mundo. É assim que, diante de uma chuva torrencial de sapos, olharemos distraidamente com admiração a paisagem por alguns instantes, mas voltaremos rapidamente à normalidade de nosso caos.

Questões especulativas sobre o filme

- 1) Além da rua Magnólia, algo mais liga as personagens da trama: a maneira como se vêem como indivíduos. Explique.
- 2) As personagens estão afundadas em seus dramas pessoais, com sofrimento, e isso parece não ser particularidade delas e nem apenas de momentos. Todas elas se vêem como fazendo um balanço de si mesmas e tentando resumir ou compreender a vida que levam. A partir da trama, como poderíamos configurar a condição humana?
- 3) Por que a chuva de sapos?
- 4) Exercício: pensemos a vida social como uma tragédia. Como seria nosso direito?

Texto e questões preparadas para acompanhamento da exibição do filme *Magnólia*, de Paul Thomas Anderson, no curso de extensão “Direito e cinema: o direito entre a política e a moral”, coordenado pelo prof. João da Cruz Gonçalves Neto, da faculdade de direito da UFG.